



## Seimei e a raposa<sup>1</sup>

Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos<sup>2</sup>

*Mukashi... mukashi<sup>3</sup>...*

Havia um mestre chamado Nakamaro

Profundo conhecedor das coisas

Convidado a estudar na China pelo próprio Imperador

Tornou-se venerável professor, mas nunca mais  
Para Nihon, sua terra, as ilhas do Japão, retornou

Um de seus descendentes,  
um samurai de nome Abeno-Yasuna,  
Exímio arqueiro e galopador  
Não entendia o que guardavam as letras  
As palavras dos livros, das artes e das ciências  
Incapaz de honrar seu ancestral  
Resolver ter um filho que o pudesse  
Estudioso que fosse, como o tal,  
Um venerável mestre e professor

<sup>1</sup> Poema baseado em mito também conhecido como “o monge e a raposa”, a partir de KAWAI, Mitsuko (1997). *Lendas do Japão*. São Paulo: Editora do Escritor/Luz e Silva Editor, volume 7; ASHTON, B.H. (1956). *Fairy tales of Old Japan*. London: Allen & Unwin.; GAIMAN, Neil & AMANO, Yoshitaka (2001). *Sandman: os caçadores de sonhos*. São Paulo: Conrad, 2ª.ed.; PIGGOTT, Juliet (1969). *Japanese Mythology*. London: Paul Hamlyn; OZAKI, Y.T. (1903). *The japanese fairy book*. London: Constable; e WHITTAKER, Clio (2000). *Introdução à mitologia oriental*. Lisboa: Editorial Estampa; como “discurso” na qualidade de Paraninfo na cerimônia de colação de grau da turma de Pedagogia 2006 da FEUSP, em 02 de março de 2007. A récita do mito é acompanhada por um *shamisen* (instrumento de cordas tradicional japonês) tocado por Viktor Almeida.

<sup>2</sup> Livre-docente da Faculdade de Educação da USP, professor de mitologia comparada e de “*Cultura & Educação*”. O *cavaleiro-monge* é paráfrase de Fernando Pessoa (“*Do vale à montanha*”, 24/10/1932 e musicado por Tom Jobim) e possui, nesta narrativa mítica as características de *Jurojin*, um dos sete deuses (*kami*) japoneses, símbolo da longevidade e da sabedoria, um dos introdutores míticos do *Zen* (contemplação); bem como características de *Bishamon*, guerreiro e missionário, deus da abundância. A jovem esposa se assemelha à *Benten* ou *Benzai-ten*, deusa do mar e dos rios, das artes e do feminino que na iconografia aparece tocando *biwa* (tradicional instrumento de cordas semelhante à mandolina). Em algumas versões, a própria raposa aparece como mensageira da deusa *Inari*, protetora dos ferreiros e do arroz.

<sup>3</sup> Bordão tradicional japonês para iniciar a récita de antigas histórias. Pronunciado em tom encantatório e lento, equivale a dizer “há muito, muito, muito tempo atrás...”

Se recolhia, todos os meses, na floresta de Shinoda  
 A rezar para os deuses, cumprir o destino  
 Um filho que fosse, como seu ancestral,  
 Um venerável mestre e professor.  
 Num outono de vento forte e flores vermelhas  
 Quando se recolhia Amaterasu, deusa do sol  
 E *Marishi-ten*, a deusa do raio de luz se deitava ao mar  
 Depois de rezar e pedir com fervor  
 Quis em *zazen* a paisagem contemplar  
 Seus servos montaram uma tenda rápida  
 Se recolheram em cantigas, contar velhas histórias  
 E a tomar sakê, o vinho das lágrimas  
 Memória líquida dos campos de arroz

Naquele momento entrou pela tenda  
 Rápida e fugaz, uma coisa castanha  
 De grossa cauda macia e vermelha  
 No *kimono* de Yasuna, a se esconder sob sua manga  
 Chorosa e assustada, uma raposa, bela e pequena  
 Logo se ouviram tambores e samurais gritando  
 Pela tenda adentro, insultando e tudo revirando  
 Pela raposa esguia perguntando:  
 - *Somos servos do senhor Ishikawa*  
*Irmão do vidente Dôman Ashiya*  
*Procuramos pela raposa fugitiva!*  
 Yasuna indignado com a falta de respeito  
 A golpes certos de sua *kataná*  
 Expulsa a todos os samurais  
 Já longe os perseguidores em fuga  
 Diz à raposa para se esconder na floresta  
 E não mais voltar, a guardar a vida que lhe resta  
 O olhar da raposa em gratidão e ternura  
 em castanho sentimento penetrou sereno  
 no pequeno coração do grande Yasuna.

Ao voltar para casa, na estrada seguindo  
 Yasuna e os seus foram cercados e atacados

- *Ishikawa mandou prendê-lo a sofrer castigo*  
 Todos lutaram, bravamente, mas sucumbiram  
 Ficando Yasuna, o bravo arqueiro, a resistir sozinho  
 Preso e ferido, levado foi ter com Dôman, o vidente que disse:  
 - *De Ishikawa está doente a querida esposa*  
*E só o coração da fêmea raposa, a poderia salvar*  
*A deixaste fugir e agora, a espada de Ishikawa*  
*Vingará com tua vida a tarefa perdida*

Já no alto a espada de Ishikawa luzindo  
 Alguém interfere aos brados perquirindo:  
 - *Ah, Senhor Ishikawa que é que podes*  
*fazer tão longe de teu pagode?*  
 Yasuna levanta a cabeça e vê nobre cavaleiro-monge  
 Do vale à montanha, da montanha ao monte,  
 Cavalo de sombras, andais desperto, andais liberto  
 De barba branca, voz marinha e dedos de raiz  
 - *Senhor monge do templo de Fuji!*  
 Era o guardião dos antepassados de Ishikawa  
 Recrimina o nobre em ato tão vil e pobre:  
 - *Isso não é bom... caçar raposa para a vida de sua esposa salvar*  
*Agora quer tirar de outra pessoa a vida, castigo virá...*  
*Se, ao contrário, salvas; podes a tua família exemplar*  
 Ishikawa liberta das cordas a Yasuna  
 E o deixa com o cavaleiro-monge para que,  
 Na contemplação do *Zen*, monge, se torne também

Caminhando juntos pelas sendas da floresta além  
 Yasuna agradece a vida salva e lhe responde o cavaleiro-monge:  
 - *Eu é que ainda tenho a agradecer pela vida que me salvaste*  
*em situação tão estranha...*  
 Então, ao olhar para o cavaleiro-monge, tão somente vê  
 A pequena e bela raposa castanha  
 Mas, sem dizer palavra, ela se embrenha na mata  
 Yasuna intenta alcançá-la, mas em vão porém  
 E ela volve a olhar para trás, uma e outra vez  
 O olhar da raposa em gratidão e ternura

em castanho sentimento penetrou sereno  
no coração pequeno do grande Yasuna

Cansado e ferido, ouve murmúrio de rio  
Se deita à margem a beber da água cristalina  
E se surpreende diante da figura repentina  
Jovem bela que lava roupa na correnteza  
Como se à *biwa* estivesse, entoa divina cantiga  
Empalidece a paisagem com sua beleza  
Assustada, recua e empalidece  
*- Não temas, não fujas, menina da lua cheia!*

Yasuna lhe conta sua saga e desfalece  
Ela o socorre, feridas cuida e o alimenta  
Ao querer partir, agradecido  
Ela aconselha, com olhar enternecido:  
*- Espera a primavera, arqueiro Yasuna,  
aguardes a neve derreter*  
Assim, ele o fez... e feliz a viver como casal não tardou  
Nasceu, do amor dos dois, um menino  
*Seimei*, seu nome escolhido  
tão sonhado, tão pedido, tão querido...

Yasuna caçava, cuidava da roça e do arroz  
Letrava o menino, cuidava da esposa  
Ela tecia estampas para os kimonos  
Com flores vermelhas como o outono  
Sakura bordava, cerejeiras em flor  
Trabalhava tanto que um dia desmaiou  
Sobre a roda, a roca e os fusos  
O filho confuso chama o pai a socorrer  
E sob os tecidos deitados no chão  
só vão encontrar, no lugar da esposa  
A pata peluda em vermelhos tufo  
Da mesma pequena e castanha raposa:  
*- Já não posso esconder... não posso ficar.*  
Diz chorosa a raposa e à floresta vai se refugiar  
O olhar da raposa em gratidão e ternura

em castanho sentimento penetrou sereno  
no coração pequeno do grande Yasuna

No dia seguinte, na parede do quarto

Um *tanka*, um poema gravado

*“Venha ver a mim*

*Na floresta de Shinoda*

*Se saudades sentir”*

Seimei reconhece, da mãe, a letra

E com o samurai Yasuna, seu pai

Se vão à busca: moitas, sarças, troncos, tocas

Chorando o menino no meio da mata de Shinoda

Sentindo a falta, mãe ou raposa, pouco importa

a dorida raposa-mãe ouve o lamento

Não resiste e aparece, alivia o sofrimento

*- Dar-te-ei dois presentes para te guiar:*

*Uma caixa com um gofû – carta sagrada do Dragão do Mar*

*Com o qual tudo podes ver, dentro e fora e tudo mais*

*E uma esfera que te revela, ao ouvido, toda fala*

*E o que dizem, em segredo, os animais*

*Terás, então, a abrir-te os caminhos*

*O sentimento e a razão, a esfera e a caixa,*

*Yin e Yang e o equilíbrio: eis o mistério triplo*

*Guarda o conhecimento no coração*

*- Que é de onde veio e para onde irá -*

*E ninguém, de ti, o tirará*

*Assim, trilharás bem o teu shinto*

*- O teu caminho -*

*E cuida com carinho de quem te necessitar*

*Por mais estranha a situação que te ocorra*

*Mesmo sendo uma pequena e castanha raposa.*

Seimei assim a casa retornou

Estudou as letras e ouviu histórias

Do ancestral Nakamaro muito aprendeu

Com vitória, aos *baku*, combateu

Comedores de sonhos que habitam o desespero

Com esmero e cuidado, obedeceu estrelas  
Plantou jardins, amou árvores e pescou nos mares  
Ressuscitou ao pai, Yasuna,  
que da raposa, morrera de saudades  
Cantou e observou a natureza  
foi grande mestre e profundo conhecedor  
assim se cumpriu sua destinação de professor:  
sob um formoso arco-íris em plena chuva  
o arqueiro, o cavaleiro-monge e a bela esposa  
vivem dentro d'alma da pequena e castanha raposa

O olhar da raposa em gratidão e ternura  
em castanho sentimento penetrou sereno  
no coração pequeno do grande Yasuna

e a ressoar em profunda voz  
se aninha no coração de todos nós.